



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

15 DE ABRIL DE 1961
ANO XVIII — N.º 446 — Preço 1\$00

REDAÇÃO: ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE: DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Americo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

A FESTA

Estamos em vésperas e as Vésperas já são da Festa quando ela é de 1.ª classe. Suponho que a Igreja, Mãe como é, assim procede no Ofício divino, para corresponder à alegria dos Seus filhos enquanto de perto preparam as Festas que mais lhes dizem ao coração.

Pois não é a ceia e a Missa do Galo, o melhor do Natal?! E não é a Vigília da Ressurreição o melhor da Páscoa?! E nas próprias festas de família, não é a azáfama da preparação do mais saboroso que a festa nos oferece?!

Pois não se escandalizem os senhores, nem chamem profana à comparação. Também a nossa Festa é uma reunião familiar em que sobe alto, como raras vezes e em raros lugares, a temperatura de unanimidade entre milhares de pessoas. Não há ali dois sentires diferentes. Podem dividir-se os pareceres sobre o número mais emocionante: se o aparecimento dos «batatas», se o dos doentes do Calvário... Porém, o encantamento total é o mesmo em todos.

Não é o espectáculo, não é o programa... É Cristo, amado, aclamado — e agradecido (porque são amados e aclamados irmãos pequeninos com quem Se identifica) — é Ele quem faz a unidade, a unanimidade. E por isso, todos saímos dali tão felizes!

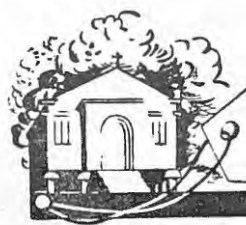
Porque sabemos que sim, porque o sabemos já por experiência feita — eis que a Festa tão cara é ao coração de todos e nos dá tanto alvoroço, ainda em vésperas.

E eu não digo mais nada. Vi há dias papelinhos de muitas cores na Tipografia. Perguntei para quê... «Que para mandar aos senhores, com o jornal».

Pois aí têm (devem ter...) as informações precisas. E até ao Coliseu e até ao Avenida já não trocaremos mais impressões.

A Lisboa e a Setúbal ainda havemos de dizer algo de como decorreu a Festa no Porto e em Coimbra.

A vida impõe-lhe sacrifícios sem conta pelas calçadas íngremes e barulhentas da cidade. É carreção. Resolve casar cedo. E muito cedo enviua. Sobrevem a doença. Paraliza quase por completo. E fica em estado de dependência total. A filha que tem, não suporta o encargo e abandona o pai. Ninguém dá fé desta infracção da justiça elementar; ou, se dá, não age. Normalmente nós não desejamos para os outros aquilo que pretendemos para nós. A filha some-se. O pai fica. E, por longo tempo enfermo em antro escuro sem ventilação alguma, em ilha pobre, sob a tutela da irmã igualmente pobre e doente. A pouca higiene, a ausência de cuidados clínicos ao domicílio, e, sobretudo o mal fazem-lhe aparecer chagas medonhas. E, uma após outra, o corpo tolhido torna-se chaga



CALVÁRIO

viva. Vem para o Calvário, exalando já cheiro fétido, para findar aqui em podridão completa. Os próprios ossos afloram porque a carne em putrefacção desfez-se em farrapos. Dores horríveis coroam este martírio.

Como norma ligamos exagerada importância à excelência que somos. Iludimo-nos airoosamente e, o que é pior, gostamos que os outros nos considerem. E, afinal, todos somos em potência o que o Senhor Ricardo é em cruel realidade. É somente questão de tempo.

Como gostava que o mundo



Um grupo de «belenitas».

Africa

Não foi na última crónica, mas nas duas anteriores, que nós falámos da Cela. Primeiro, um simples relato do que ali vimos. Depois, começámos a reflectir sobre o que vimos. A reflectir... na dimensão do humano, que é justamente, a mais esquecida de todas (mesmo quando se trabalha pelo bem do homem!) nesta era das tecnologias. A passividade, o dom dema-

siado grátis, o excesso de organização — são anti-humanos.

Porque será que na ordem sobrenatural, Deus não dispensa a colaboração do homem?

Porque será que sendo a Graça (o nome diz tudo!) um dom indevido ao homem, um dom que Deus quer dar a todo o homem que vem ao mundo — a tantos homens, de facto, a não dá, a tantos que a não querem receber?

Porque será que sendo Ele o Autor da matemática harmonia cósmica, todavia, entre os homens — livres, à Sua imagem e semelhança — lhes deixa tanta margem de organização?

Se do mais se pode tirar o menos é justo e salutar que a ordem natural colha da sobrenatural as lições que esta lhe pode e quer oferecer!

Cada um tem de construir o seu bem e não o pode fazer sozinho. Sentir-se apoiado pelos outros nessa construção — eis o segredo de outra construção mais importante ainda: a solidariedade fraterna entre os homens. Esta opera o bem comum. E quando este é, há satisfação e paz.

Eu creio que a reacção ingrata de muitos colonos (para além do que há de ingratidão propriamente dita) tem a sua atenuante no tratamento menos humano que lhe deram (ou menos proporcionado à sua psicologia...)

Padre Baptista

Continua na quarta página

BELEM

Não é por falta de assunto mas sim de tempo para escrever que as notícias de Belém têm falhado.

É ainda pelo mesmo motivo que hoje me limito a responder a esta pergunta que tantas vezes me tem sido feita e com razão:

— Então esse «Ninho de Pintainhos» de que nos falou, já está pronto? Já tem crianças?

Compreende-se o interesse, que é para nós um estímulo. E quem contribui, de qualquer forma, para a sustentação e desenvolvimento duma obra tem direito a saber como as coisas correm.

O «Ninho dos Pintainhos» ficou praticamente pronto nas passadas férias grandes com tudo o que os nossos benfeitores enviaram para esse fim. Isto mesmo sem na casa ter funcionado a tal colónia de férias a que ao tempo me referi no jornal. Foram aparecendo, sucessivamente, impedimentos às várias raparigas que tinham manifestado interesse em vir. A única, daqui perto, que apareceu, ajudou em tudo o que pôde.

Ao «Ninho» só faltam agora as últimos retoques, aquilo que dá a um lar harmonia e beleza, mesmo quando pobrezinho, e que depende do gosto e carinho que nele põe a dona de casa.

Eu pensei que devia deixar esse trabalho para aquela que o viesse tomar à sua conta, para que assim o sentisse mais seu e lhe ganhasse mais amor. Desejei para ela o que, em iguais circunstâncias, desejaria para mim.

Porém, o tempo vai correndo e, até hoje, ainda ninguém apareceu. Em consequência, o «Ninho dos Pintainhos» continua fechado e não sabemos até quando. Faz pena, muita pena! Cada vez me convengo mais de que não é por falta de meios que deixam de virar obras como Belém, mas sim por falta de quem se dê inteira e desinteressadamente a elas. Dizem que há muita gente sem ter em que «matar» o tempo... Pois mesmo entre pessoas que se consideram excepções em formação religiosa, o que mais se vê é a procura de actividades mais brilhantes.

Não desanimemos, porém, Senhoras e Senhores! Tudo o que se encontra no «Ninho do Pintainhos» há-de ter boa aplicação.

Quando Deus nos deparar uma casa com as condições necessárias, em quinta nossa, juntando o recheio destas duas, ficaremos

Continua na segunda página

Aqui, LISBOA

O nosso Lar! É um andar pequenino, para os muitos que hoje lá estão. Eles empregados de escritório, de oficinas e até de bancos e quase metade estudantes. Estudantes por devoção. E que devoção! Chegam às tantas da tarde, comem apressadamente qualquer coisa, tomam os livros e lá vão. Só altas horas, quase meia noite, regressam e ceiam. Depois disso, antes de arrumar os livros, ainda queimam as pestanas, quantas vezes até à uma da manhã. Tenho sido testemunha muita vez. Ontem viciados no mal, espicagados no desejo de vadiagem. Hoje encaminhadados no bem, atarefados no trabalho, inquietos por se fazerem homens. Ontem rotos e famintos por falta de ajuda. Hoje vestindo-se e alimentando-se em grande parte à custa do seu trabalho. Há deles também, que no fim do trabalho por ali ficam entregues às canseiras da Casa. **Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes.** Há dias para seu melhor governo e disciplina elegeram um sub-chefe por môr de tomar conta quando o chefe não está. Ele anda na Comercial. Ora o sub-chefe é um dos mais novos. Uma vez eleito aceita; levanta-se e diz: «Eu sei a responsabilidade que agora tenho. Sou vosso companheiro, mas tendes de me respeitar e obedecer quando tiver de mandar. Vós é que me escolhestes». Estavam a ouvi-lo rapazes de vinte e tal

BELEM

Continuação da 1.ª página

com possibilidade de chegar mais rapidamente até às 40 ou 50 crianças.

Penso que é isso mesmo que Deus quer: uma só casa que permita o progressivo desenvolvimento de Belém. Só assim me será possível continuar a conduzir o barco sózinha até quando Deus quiser. Provavelmente até quando as belenitas se encontrarem preparadas para ocupar em Belém todos os lugares que lhes competem, a fim de que possamos dizer com verdade que a *Obra é delas, por elas e para elas.*

Peço a todos os nossos amigos que me desculpem as muitas faltas que tenho cometido, sobretudo os grandes atrasos nas respostas a cartas que escrevem. O tempo não tem dado para mais.

Inês

e ele anda nos dezassete e é serralheiro mecânico.

Falei-lhes há tempos no amor ao Lar, como estímulo e escola do amor àquele que um dia hão-de fundar. Fora das horas de trabalho é preciso estar em casa. Conviver. Fazer vida de família. Doutra modo perde-se irremediavelmente a noção social da vida familiar.

Foi mesmo por aqui que Pai Américo quis estruturar a Obra da Rua. Vida de família.

Ora numa casa que não é nossa; onde nos vão os olhos da cara todos os meses nos 3 mil escudos da renda; onde não se respira ar puro porque metade dos rapazes vive numa cave com janelas rentes à rua; onde não há um espaço vazio para o rapaz se poder expandir ao chegar a casa cansado do trabalho—uma casa assim não favorece de modo nenhum o ambiente familiar.

Estes rapazes, que da família quase ou mesmo só conhecem a Casa do Gaiato, estão na preparação final para a vida e necessitam de saber apreciar, dar valor aos momentos de vida em comum, para que não venham jamais a cair na tragédia dos lares desfeitos donde vieram.

Os nossos que para ali têm ido são escolhidos e postos no seu lugar com toda a segurança. Digo segurança dos perigos da rua. Mas se a casa onde habitam não os atrai, por não os acomodar convenientemente, não estarão novamente em risco? Há dias passei à noite pela frente dum bairro de latas. Aquela gente enchia a estrada e a berma por não caber dentro de suas barracas. E ainda bem que estavam ali muitos. Quantos nas tabernas ou lugares piores?!

Nós precisamos, pois, duma casa onde haja abundância de luz e largueza de espaço; atracção, conforto e asseio. Os rapazes estão na altura de se apurarem. Quer no modo de vestir, quer mesmo no de cumprir o dever. Eles primam por fazer figura. E alguns têm até a sua namorada. Eu sei de um que se tem prestado a sacrifícios enormes e exigências desmedidas dos patrões, a ponto de hoje se tornar indispensável no lugar que lhe confiaram e na generosidade de ser prestável aos outros.

Eles elevam-se, mas é muito necessário que os ajudemos com meios adequados. Nada

que tanta falta faça como uma casa condigna.

No Porto a casa é da Misericórdia. Em Coimbra da Diocese. Em Setúbal vai ser da Câmara, interessada como anda no problema do abandono. Em Lisboa nunca ninguém levantou o dedo a oferecer e não falta quem tenha. Sei de alguém que tem dezenas. De uma vez fui-lhe pedir uma nesga de terreno aqui perto: «Olhe, peça a fulano que recebeu agora «tantos» milhões; peça a fulano que lhe dê dinheiro que eu vendo-lhe o terreno com muito gosto». Não pedi, nem peço porque para estas obras, disse um dia Pai Américo, o dinheiro não vem nunca do cofre; sai do coração! E há-de sair. Nós não sabemos as revelações da infinita misericórdia que Deus tem para com os homens. Pois, é ao coração que Deus fala como fez Cristo ao jovem rico: «Olhando de frente, senti amor por ele». Há-de ser seguramente por aqui.

Padre José Maria

PATRIMONIO DOS POBRES



Em continuação dos números anteriores, aí vai mais uma série de placas com sua localização:

Pessoal da H. I. C. A. — Canelas (Arouca); Pessoal das Obras Públicas da Beira — Esmeilde (Paço de Sousa); Pessoal da Sacor — S. Julião do Tojal; Pessoal dos Serviços de Transportes Colectivos do Porto — Eja; Pessoal da Shell Portuguesa (Filial do Porto) — Miragaia (Porto); Pessoal da Sonap (Cabo Ruivo) — Cascais; Pessoal da Via e Obras do Porto da Beira — Alminhas (Galegos); Petrópolis — Calheta (Madeira); Pilotos da Foz — S. João da Foz do Douro; Pio XII — Ermezinde; Polícia de Segurança Pública do Porto — Fornos (Castelo de Paiva); Polónio Basto & C. — Esporões; População de Angoche — Miragaia (Porto); População de Mutarara — Rans (Penafiel); População de Tete — Miragaia (Porto); Por alma dum José — Gondarém; Por amor de Jesus Cristo — Carlos e Alberto — Aldeia Nova de S. Bento; Por tanto sofrer — Calvário (Beira); Porto da Beira — Miragaia (Porto); Portugueses do Congo Belga — Aldeia Nova de S. Bento, Alparça e Calheta (Madeira); Portugueses de Conquillatville (Congo Belga) — Alparça; Povo de Vendas Novas — Vendas Novas; Praça D.

João I — Carvalho (Porto); Praça da República e Ruas Confinantes — Recarei; Preciosissimo Sangue de Jesus — Alandreal; Problema da Habitação — Fajozes; Professores, Estudantes e Empregados da Universidade de Coimbra — Adémia (Coimbra); Quim — Medelim; Rainha Santa Isabel — Covilhã e Ponta do Sol; Rosa Maria (2) Paredes e S. Julião do Tojal; Roseiral — Paredes; Rotários de Lisboa — Estremoz; Rua 5 de Outubro, do Porto — Santos Ilos (Paço de Sousa); Rua Mouzinho da Silveira, do Porto — Madalena e Recarei; Rua Sá da Bandeira — S. Gonçalo (Amarante), Livração e Arouca; Rui Pedro — Ponta do Sol; S. Braz — Gulpihares; S. Francisco — Aldeia Nova de S. Bento; S. João de Brito — Paredes; S. João de Deus — Ribeirão (Famalicão); S. Joaquim — Gulpihares; S. Jorge — Gulpihares; S. José — Beringel; S. José — Majamude; S. José — Aldeia Nova de S. Bento; S. José — Beja; S. José — Carvalho; S. José — Gulpihares; S. José — Covilhã; S. José — Ribeirão (Famalicão); S. Judas Tadeu — Beringel; S. Luiz — Elvas; S. Mamede — Ribeirão (Famalicão); S. Martinho de Dume — S. Martinho de Dume; S. Martinho de Parada de Todeia — Parada de Todeia; S. Maurício — Gulpihares; S. Pedro — Ribeirão (Famalicão).

CONTINUA

CASOS DO MOMENTO

TRIBUNAL, dores e consequências dos delitos. Era a hora do meio dia. A sineta deu sinal prá refeição. Como de costume, cada um vai pró seu lugar. A comunidade está toda. Senhor Padre Carlos vai ao meio e diz do que sofre. Há delitos e há réus. É a tendência, a herança que trazemos da rua: a mexer no que não nos pertence. O rapaz que tem essa tendência mas que o dá a demonstrar, faz sofrer os nossos Padres, mas é muito mais amargo quando aparece o delito e o réu se esconde. Eis o fel! Consentir o roubo? Deixar passar? Não. Isso seria o consentimento. Pois vários foram castigados, por faltas cometidas, e para que todos sofressem e reparassem na gravidade do facto, e como se não acusasse o que foi ao escritório de Pai Américo mexer no dinheiro, foi dada tão dolorosa e tão paternalmente esta sentença: «Ninguém come até que se acuse o réu». E naquele dia, tirando os batatas, toda a comunidade não almoçou.

x x x

VALENTE de apelido, chegou há dias. Veio num sábado à noite. Salpicado de cal, calça arregaçada, ei-lo à porta do refeitório muito falante. Era troilha. Recebeu a fêria e meteu-se no comboio.

— Disseste em casa ao que vinhas?

Que não.

No dia seguinte, foi com um dos nossos a casa do tio e então veio definitivamente para onde ele próprio escolheu.

Anda contente e foi para a escola.

— Como te chamas?

— Nas obras chamavam-me Valente.

Até na aventura o foi, e como tal continuas a ser o «Valente».

x x x

OVOS. Alguém se lembrou de nós, e tem sido um grande remedeio cá para estas cento e oitenta bocas. O Jaime, ora cosidos, ora estrelados, ora á francesa, tem-nos dado ovos a todas as refeições. Viva

quem se lembrou dos gaiatos!

x x x

RÁDIO. O Quim veio ter comigo, a dizer que não há direito, numa sala tão bem recheada e adornada como está a dita de jogos que pertence aos «barbudos», não se ouvir o som da música, por causa do rádio estar estragado e ser já muito velho. Aqui fica a queixa à espera de julgamento.

x x x

FAMOSO. O Campanera foi pela primeira vez vendê-lo. Diga-se a verdade: saiu-se muito bem. Diz ele que correu as ruas quase todas no Porto. «Num certo lugar — conta ele — uma mulher, disse-me: sai daqui, rapaz que vendes o «Janeiro». Nisto alguém lhe diz que o rapaz é do Padre Américo, e a mulherzinha, logo lhe pede desculpa e lhe compra o Gaiato.

Que bela herança Pai Américo nos legou! Como somos amados!

x x x

BELEZA. A nossa Aldeia, com o raiar da Primavera, enche-se de maior beleza. As flores, a verdura, tornam mais radiosa e bela a nossa Aldeia.

Ernesto Pinto

COLISEU DO PORTO

27 DE ABRIL — ÀS 21,30 HORAS

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, Rua dos Clérigos 54; e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.

TEATRO LUISA TODY — SETUBAL

17 DE MAIO — ÀS 21,30 HORAS

Bilhetes à venda nas bilheteiras do Teatro Luisa Tody, Papelaria Campos no Largo da Misericórdia e Loja de João Ferreira da Costa na Praça do Bocage.

Campanha de assinaturas

A VOZ DOS LEITORES:

Aqui está, novamente, aquele Militar que, em tempos, lançou a ideia de «O Gaiato» ir a todas as salas de recreio e bibliotecas de associações e clubes portugueses. Vamos ler um trecho da sua carta espumante que acompanha a inscrição de mais duas Salas de Oficiais e Sargentos do nosso Exército:

«Quanto à expansão do Famoso já avaliaram os frutos que poderão vir a colher: É que nas horas de recreio, nessas Salas, «O Gaiato» passará a ser lido por muita gente que dele se apaixonou, disse estou crente.

E se a ideia fôr bem sucedida, há muita Unidade Militar por esse País fora e no nosso Ultramar, assim como muitas Coletividades Desportivas, Grupos Recreativos e Empresas do Estado e particulares.

Oxalá todo este sonho se torne realidade e o «Famoso» passe a ser o jornal de maior tiragem no nosso País, pois, quando vier a dar-se tal facto, pode assegurar-se que foram mais uns milhares de seres humanos a compreenderem o sofrimento do seu semelhante, sabendo assim repartir com Eles do seu Pão, o que equivale a aproximá-los mais de Deus».

E a voz deste Militar não caiu em saco roto:

«Li no jornal a lembrança de um tropa, em que dizia ser o vosso jornal digno de ser lido em todos os sítios onde houvesse associados ou cantinas.

Há na minha terra um clube e creio que muito bem faria se o lessem.

Não me é possível pagar este mês já a assinatura desse jornal, mas assin que possa, talvez por todo o mês que vem, eu o farei por eles.

Pagarei a assinatura de um ano, mas se para o ano eles não pagarem, que Deus me dê vida e saúde que depois se verá.

Mas ainda tinha mais um pedido a fazer-lhes, se fosse possível se já mandavam o da outra quinzena e o desta pois não pode pensar quanto ele é de bom e quanto ele traz de ensinamento e creio que com a vossa entrada naquela casa muitos dos sócios e simpatizantes hão-de aprender muito.

Quanto era de bom que todos aqueles que procuram ideias grandes aprendessem no vosso jornal pois seria a melhor de todas as doutrinas a seguir».

Esta Senhora, enamorada do Famoso, é a primeira que acode à chamada. Mas hão-de vir mais e mais. Aguardemos.

★

PORTO/LISBOA: O interesse mantém-se na mesma. Ora mais apaixonado, ora menos. Mas é sempre! Graças a Deus.

O Porto segue hoje nas escadas do rés do chão; contudo, de flâmula erguida e altissonante. Ora prestem atenção à voz de uma tripeira:

«Tenho andado a ver se consigo assinaturas, mas a Messe é grande e os operários são poucos: muito luxo e pouca Caridade para os nossos irmãos Pobres. Só consegui uma assinatura!»

Assina: «a pecadora assinante número 6.665».

E do rol de presenças da Invicta, não podemos deixar de assinalar outra bandeira:

«Sou o assinante n.º 12.159 do Famoso que imensamente aprecio, não só por desejar colaborar de algum modo para essa insuperável Obra, como por o que tenho aprendido com o que nele tenho lido».

E manda agora mais um assinante para fazer parte desta grande família.

Lisboa trepou com entusiasmo e segue nas escadas do andar cimeiro. São listas e mais listas. Um monte delas! Pois só uma, não sabemos de quem, traz mais de doze novos leitores! Ora meus senhores, se dão licença, viva Lisboa!

★

DO MINHO AO ALGARVE: Antes de tudo «Presente o Amigo 9330, que grita em três lares e consegue anunciar o Famoso... Como sou viajante, faz parte do meu mostruário». Durante a quinzena foi o primeiro postal. Mas ao longo do tempo vieram ainda mais três, somando a colheita 10 assinantes de Fão, Viana do Castelo, Mongão e Caminha. «E segue a minha viagem com o cartaz do Famoso sempre em primeiro plano». Que fogo ardente este Amigo vai espalhando! Ó devoção!

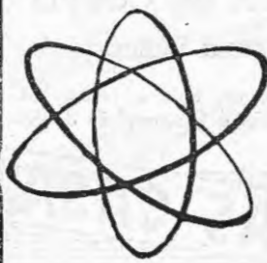
E o desfile continua com Amadora e S. Mamede de Vila Verde e Rebordosa e Vila Real e Arcos de Valdevez. Mais Chacim e Vila do Conde; Serzedo (Gaia), Verdemilho (Aveiro) e Campo de Besteiros. E mais Bragança:

«Para dar louvor à Santíssima Trindade vão 3 assinantes de Bragança, Felgueiras (Moncorvo) e Pocinho. Este jornal devia ser lido por todos os portugueses, o qual considero como o melhor aparelho de Televisão Espiritual. Ah! Se todos o conhecessem a mentalidade espiritual estaria mais forte no momento presente».

Que verdade!

★

ULTRAMAR: Apesar do vento agreste que a estranja vai lançando no que é nosso, apesar de tudo — eu tenho fé. Tenho confiança. Que eu trouxe, particularmente da última visita a Angola e Moçambique, minha alma cheia do extraordinário amor



★ FACETAS DE UMA VIDA ★

30-9-27 — Tenho esperado, ansioso, a hora da publicação desta carta. É uma página bellissima, que os apreciadores de boa prosa gostarão de ler e reler, tão feliz a forma desta reportagem de um sentimento.

Ouvira uma vez, de D. Manuel Trindade Salgueiro, alusão a esta experiência: «Que diferente o meu gozar actual de Lisboa e lisboetas do de dantes...» Talvez seja por isso que acho tal encanto a este seu testemunho de amor ao «lixo» das ruas, a quem Deus o levaria a consagrar a sua vida!

S,

Final de contas, o nosso «rendez-vous» continental este ano não teve jeito nenhum. Coisas mesmo do S.. No comboio, a más horas e sem conforto, e você ainda por cima «pega» e rouba-me as uvas. No dia seguinte, um adeus a fugir, no cais, e o S. esbaforido, procurando encaixar dentro de uma hora de tempo o que levaria quatro, em condições normais ou, como dizem em Lisboa, procurando «meter o Rossio na Betesga». Pró ano as coisas hão-de correr de outra forma, espero bem.

E eu então que tinha uma tão original, sucedida na manhã da nossa chegada, pra contar em família e rirmo-nos à farta! Mas aqui a registro. Por volta das 7 am., mesmo no Largo de Camões, dirijo-me a um senhor polícia e pergunto o favor de me informar aonde ficava o convento de Jesus. «Que não sabia, era novo naquela zona, mas que esperasse um bocadinho que o seu colega estava mesmo a chegar. Que tinha pena de me fazer esperar e nisto, continua, aí, espere...» Mete as mãos na algibeira e rapa dum guia. Folheia as páginas, vira daqui e vira dacolá e daí a nada fita-

de todos os africanistas no prosseguimento da Obra encetada pelos nossos gloriosos antepassados. Por isso Angola, mesmo dorida, comparece. E aqui vai uma lista de Malange com 5 assinantes. Malange! Cidade tão portuguesa!

Moçambique, como habitualmente, chega de mãos a transbordar. Eng.º Aguiar da «Sofil» em Lourenço Marques — grande amigo da nossa Obra — pôs uma senhora em campo e manda 7 deles. Temos ainda outra lista de Lourenço Marques e mais uma de Vilanculos, que recomenda: «É favor não demorar o envio do jornal». Foram logo, saciar a fome dos novos leitores. Moçambique fecha a coluna com Porto Amélia e Montepuez.

E aqui temos Portugal de quem e além-mar.

Júlio Mendes

me e diz assim: «O Snr. sabe ler?» N.!!! e enfia-me o livro nas unhas. Isto só a mim.

Que diferente o meu gozar actual de Lisboa e lisboetas do de dantes... Transformação profunda, absoluta, de dentro para fora.

À noite, na Avenida, pra fazer a digestão do jantareco sentei-me numa das cadeiras ao ar livre e mandei vir um café e aguardente. Provei uma coisa, cheirei outra e como visse que nem era uma coisa nem outra, quando vi que ninguém via, despejei a droga na relva inocente, a meus pés. Passei em seguida a minha alegria latente pela Avenida fora, até às 10 pm., olhando a abóboda imensa, infinita, salpicada de estrelas, que cobria os telhados dos palácios da Avenida. Grupos de mocidade, descuidada, pingando alegria diferente da nossa — discutiam, passando por mim, as aventuras daquela noite.

De manhã levantei-me antes do sol e desci à rua gozar o semblante dos que àquela hora matutina começam e acabam o dia. É fácil distinguir: which is which. Contemplei ainda as últimas estrelas que cediam resignadamente o seu, ao brilho solar. Fui à praça ver o ventre de Lisboa. Passei pelo Rossio e junto do monumento botei de comer às pombas. Sensação agradabilíssima, que

há-de experimentar comigo, quando o apanhar a jeito. A pasmoreira dos transeuntes fez-me fugir. Entrei na Abadia a tomar um codório quente. Alguns homens dos que acabavam o dia, aborrecidos, imbecis, saturados de viver, cuspiam e erravam o olhar pelas letras da imprensa diária. Ao fundo, um sujeito repolhudo, muito encarnado, tragava com gestos sensuais uma rapariguita pintada, muito chatiada, e comiam ambos um bife com batatas. Abriguei então na minha alma por momentos, num ar de compaixão, as prostitutas de Lisboa. Pobres mulheres. As patroas mercadejam-lhe e os homens gozam-lhes a carne que um dia foi inocente. Passando a vida a entregar-se a todos, elas nunca encontram ninguém. Miseros seres, simples coisas a quem se nega toda a personalidade; em nós, nunca viram mais do que a besta. Amo-as, eu, as prostitutas, porque sei que muito sofrem!! E amam-nas, da mesma forma e pela mesma razão, todos os que conhecem e sentem o valor metafísico da humanidade.

Daí a nada, em cima, o silvo da possante locomotiva, trazia-me à Luza Atenas. Tinha gozado Lisboa e os lisboetas! Saudades do seu,

Américo Aguiar

★ TRIBUNA de Coimbra ★

O nosso dar contas só de tempos a tempos vai espantar quem não anda a par da nossa vida. «Eles recebem rios de dinheiro e não dão contas a ninguém». Quem duvide que venha ver a nossa administração. Demos contas pelo Natal, e agora vão pela Páscoa. Começamos ainda nas lembranças de Natal: 2.500\$ da Câmara de Coimbra. É pouco para as nossas necessidades, mas vale pela compreensão e estima de quem distribue. Mil do Governo Civil. É uma gota mas o mar é formado delas. Duzentos da Farmácia Normal de Lisboa. Todos os anos nos lembra. Uma camisola de Monte Real; outra para mim, de Loriga. Fez-me muito jeito para o inverno.

Cinquenta em carta; quinhentos e os bolos-reis e a visita familiar dos grandes amigos da primeira hora; um saco de pão, um cesto de garrafas de vinho do Porto e agora ou-

tro saco de pão, de Tomar. Se eu soubesse quem era, na passagem por ali ia beijar-lhe as mãos. Retalhos, uma camisola e 20\$ também de Tomar.

Cem, mais cinquenta, mais cem, de conterrâneos meus; azeite e 200\$ de Chão de Couce. Deus conserve este nosso bom amigo; mil de anónimo de Cantanhede; embrulhos e envelopes no Castelo; 200\$ no Café Santa Cruz; 200\$ na Igreja de Santo António por alma do marido que tanto nos amou; cem do aniversário do universitário de Portomar que nunca nos tem esquecido; roupas de Reguengos de Monsaraz; cem da Covilhã para umas calças ao Grilito.

Quinhentos de Ilhavo de um capitão de navio a pedir boa sorte; cem da mesma terra a pedir a mesma graça. Foi também o que nós pedimos a Deus. Cinquenta e mais 50 de Alcobaça; 50 de Engenheira. Continua na quarta página

TORRE DE LONDRES

Como temos vindo a assinar estas crónicas sob a epígrafe «Torre de Londres», neste minúsculo preâmbulo, vamos tentar dizer algo da mesma.

A Torre é quadrada, em belo estilo normando, construído em 1078 por Guilherme, o Conquistador. Existem pedaços da muralha que datam de mil anos antes da chegada de Guilherme. Na chamada Tower Green está assinalado o lugar do cadafalso onde foram executadas Ana Bolena, Catarina Howard...

As joias da Coroa Britânica, entre os quais os maiores brilhantes que existem no mundo, são guardadas na Torre de Wakefield. Na Torre Branca existe uma colecção de armas e armaduras que nos falam da rica história da Grã Bretanha e a Capela de S. João.

Existe a superstição de que o Império Britânico se desmoronará no dia em que os corvos desapareçam da torre. Daí o cuidado com que os mantêm, os guardam e lhes cortam as asas.

x x x

Depois de cinco semanas de lições de teclado e quatro de fundidora, onde compusemos os vários exercícios dos ensinamentos colhidos, graças à superior atenção e vastos conhecimentos dos instrutores, que são na rea-

lidade o que há de melhor, fomos dada a oportunidade de visitarmos Monotype Works em Salfords — Surrey.

Ficam ao sul de Londres, estas magníficas instalações de uma das mais modelares organizações industriais de Inglaterra.

Aqui nos foi dado ver em pormenor como são, se fazem e se espalham pelo mundo as Monotypes e Monophotos. A organização, limpeza e arranjo de cada secção, o aprumo, a alta fidelidade com que são produzidas as milhentas peças destas extraordinárias máquinas que rasgaram novas perspectivas ao mundo do livro, sobretudo! É assim que está espalhada pelas sete partidas do mundo. A atestá-lo mais vincadamente está o substancial crescimento desta organização. Tudo, tudo, tudo foi dado ver a estes olhos pecadores que tanto amam este género de trabalhos.

Máquinas para composição normal. Dispositivos a duas cores, para composição de matemática e fundir caracteres até corpo 36, tudo em uma só máquina, mas com inúmeras operações a que tem de obedecer, evidentemente. As máquinas para fundição de laminário e material branco. A Super Caster, que funde desde corpo 4 a 72, é, nesta altura, a menina dos nossos olhos. Já metemos uma cunhita ao Senhor Padre Carlos e agora aguardamos. É realmente de recursos extraordinários. Além de as nossas oficinas darem um grande passo como escola, o que pretendemos, pois é outra modalidade que acrescentamos às mais diversas.

Nesta visita muito aprendemos. Na organização, na pontualidade mais uma vez manifestada, na segurança e precisão do trabalho. Desde a limpeza, até ao trabalho mais dificultoso, tudo actuando com um à vontade impressionante. E as máquinas sabem para a rua com uma robustez, com uma certeza, sem descurar os mais pequenos pormenores. Uma grande prova de honestidade é que os clientes são respeitados em toda a extensão da palavra. As peças de maior precisão, sobretudo os moldes, são banhados em leite e não falha uma.

Daniel

Atenção

Um assinante do Famoso pede os números 311 e 312.

Como se encontram esgotados, só algum leitor poderá servi-lo. Quem levanta o dedo?

MIRANDA DO CORVO

A nossa Páscoa

Mais uma vez toda a cristandade viveu a Paixão e Ressurreição do Se-

e por cima deste a figura de Jesus Ressuscitado. Nos braços do sino, dois longos dísticos que diziam: «Cristo Ressuscitou! Rejubilemos! Aleluia!». Nas paredes, enfeitadas com festões de papel de seda branco e botões de



PELAS CASAS DO GAIATO

nhor. Dois mistérios: o da Morte para a Vida.

Jesus, depois de ter instituído a Sagrada Eucaristia, o maior testemunho do Seu Amor, passa pelos maiores tormentos e vexames e expira numa cruz para triunfar da morte, ressuscitando.

Toda a cristandade, dizia, viveu todos estes passos da vida do Mestre. E nós, nas nossas casas, também vivemos a Semana Santa, que consideramos a Semana Maior, com toda a intensidade, procurando corresponder em amor ao Amor infinito que Jesus manifestou pelos homens, no final da Sua vida pública. Ele deu-nos a maior prova de amor, dando-Se e ficando entre os homens. Por isso, nós procurámos também corresponder-Lhe e estar com Ele.

Na quarta-feira esteve entre nós um Senhor Padre que nos dirigiu algumas palavras com vista à preparação da nossa desobriga.

Na quinta, lá fomos tomar parte no Banquete que o Senhor preparou e que tão ardentemente desejava comer conosco.

Após a Santa Missa em que teve lugar a nossa Comunhão Pascal, tivemos em nossa casa também um banquete para o corpo.

A nossa sala de jantar, de aspecto diferente, mais nos levava o espírito ao acontecimento que havia pouco se celebrara — a última ceia do Senhor. Ao centro encontrava-se uma enorme cruz branca, símbolo da Redenção. A cruz estava ornamentada com ramos de videira e espigas de trigo. No fundo, ramos de flores do campo.

Em sexta e sábado, a cruz era preta e totalmente despida. A oração foi de joelhos à sua volta. O aspecto alegre e festivo da véspera era agora triste, sóbrio, de luto.

Com o Aleluia da Ressurreição de Jesus, à meia-noite, tudo mudou. O que fora tristeza, era agora alegria, e o homem velho revestiu-se do homem novo. Também a nossa sala, acabado o luto, é ornamentada com imenso gosto. Ao centro um sino grande

rosa, lia-se também: «Boas Festas! Aleluia! Páscoa! Exultemos de alegria! Alegremo-nos com a glória do Senhor! O Senhor ressuscitou. Alegremo-nos!»

Quantos, embora, com farta Páscoa para o corpo, se preocuparam com a Páscoa dos nossos irmãos Pobres?

Jesus continua a sofrer, nos nos-

sos dias, na criança abandonada, no pobre agonizante. E tu?...

Era domingo de Páscoa. Nós, como os discípulos de Emaús dizemos também ao Mestre: «Senhor ficai conosco!».

E Jesus ficou.

Quem, se não Jesus, tem sido o grande Amigo da nossa Obra?

Carlos Manuel Trindade

Férias forçadas em Ordins

Quando mensalmente se paga às tecedeiras, não sei o que se passa em mim, para poder dizer a alguma: «Este mês não há nada. Paciência». Mãos caídas e rosto triste, lá vão as que nada receberam. Aguardam aquela hora, cheias de esperança—e nada. Há a despesa certa na mercearia... e, agora, paciência...

Já que não posso remediar todos os males, sinto a tentação de fechar os olhos e o coração diante das dores alheias, como tantos fazem. Mas é impossível. Há sempre algo a dar a quem de tudo precisa. Uma palavra de coragem ou de conformidade com a Vontade de Deus. O ouvir os sofrimentos, deixando a impressão sincera de que não se sofre sozinho. Já, por várias vezes, aconselhando economia, ouvi respostas, um nadita fortes. É certo que nunca chegará o dinheiro nu-

ma casa se não houver poupança. E quanto menores são os proventos, maior há-de ser o esforço para o equilíbrio, distinguindo-se uma coisa de primeira necessidade doutra que só deverá aparecer em vigésimo lugar. E nem todos os Pobres sabem fazer esta distinção. Mas também, quando o que se dá às tecedeiras não chega para o que é de primeira necessidade e não tem outras fontes de receita, prègar-lhes economia parece zombar da sua condição e é correr a aventura de ouvir qualquer palavra desagradável.

Iniciam-se hoje as «Férias forçadas em Ordins». Mas a verdade é que já começaram há boas semanas. Saibam todos que em Fevereiro receberam-se, apenas, duas encomendas de chales e neste mês de Março três. Eis o panorama que, de momento, se oferece aos nossos artesanatos. São 16 mulheres que vos desejam a alegria no repartir, se lhe derdes trabalho e pão. Há por cá crianças que choram... com fome. E mulheres que, esmagadas pela dor de não terem que dar aos filhos, falam, tresloucadas diante da Senhora dos Pobres, em tornar-se a «vender».

Precisamos de muitos leitores que nos compreendam e confiem já as suas encomendas para o próximo inverno, podendo ficar aqui em depósito, para mais tarde serem entregues. Assim aconteceu, o ano transacto, com um senhor de Lisboa que muito nos ajudou. Oxalá o seu exemplo de bem suscite numerosos imitadores.

Padre Aires

Visado pela Censura

ÁFRICA

Continuação da primeira pág.

por excesso do que lhe deram.

O colono encontra a sua propriedade demasiado preparada. No princípio de qualquer empresa tudo é investimento. Ora ele, como não tem dinheiro para começar nem conhecimentos para se dirigir sozinho, recebe — tem de receber muito — em ajudas materiais e em direcção técnica.

Tudo isto está previsto pela Brigada (talvez demasiado previsto) de modo que o colono é um menino poupado à solução dos seus maiores problemas, ele que conhecera tão bem a dureza da vida no solo europeu. No princípio tudo se lhe oferece e pouco ou nada se lhe pede. Ele

vai adquirindo mentalidade de constante exigência, a quem nada satisfaz suficientemente. E, quando chega a hora de se lhe exigir que comece a amortizar o capital que o Estado lhe deu para o arranque, ele julga-se traído, porque entretanto se habituou a todos os direitos de ajuda sem os correspondentes deveres de retribuição; em vez de apreciar a excelente oportunidade que lhe é oferecida, convence-se de que é ele, em suma, quem fez favor em vir e o faz em estar ali.

Sabe-se como as crianças amadas a quem sempre se dá o sim, produzem reacções de verdadeira vilania, quando chega, fatalmente, a hora de um não.

É um pouco o caso. Esperamos poder continuar.

IMPÉRIO DE LISBOA

16 DE MAIO — ÀS 18 HORAS

Bilhetes à venda na Ourivesaria 13 da Rua da Palma 11; no Montepio Geral, Rua do Ouro; e no Lar do Gaiato, R. dos Navegantes 34 r/c, Telefone 669451

TEATRO AVENIDA — COIMBRA

1 DE MAIO — ÀS 21,30 HORAS

Bilhetes à venda: no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa Castelo, R. Sofia; Mercearia Humberto, R. Azeiteiras, 32; Quiosque Machado, Av. Sá da Bandeira; e nas bilheteiras do Teatro Avenida